



A GRAYURA DE MADEIRA

EM

PORTUGAL

POR

JOÃO PEDROZO

EMPRESA HORAS ROMANTICAS

EDITORA

12/20/19

~~C. 20~~

13/20/19





32646

B.A.  
506

B. Arhi  
G 6-15-

CÓMPRA

# GRAVURA DE MADEIRA

EM  
PORTUGAL



## OSTENDOS

EM TODAS AS ESPECIALIDADES  
E DIVERSOS ESTYLOS

POR

J. PEDROZO



LISBOA

N. 41.207

1872

J. PEDROZO DEZ. E GRAV.

EMPRESA—HORAS ROMANTICAS  
editou.

err



À MEMORIA

DE

JOÃO SAMUEL PEDROZO

Fallecido com 18 annos de idade

aos 23 de Abril de 1870

*Dedica*

seu extremoso e saudoso pae

JOÃO PEDROZO GOMES DA SILVA

A MEMORIA

DE

JOAQUIN SAMUEL PEDROSO

Escrito por el Sr. D. Juan de Dios

en el año de 1870

Impreso

en el taller de imprenta de D. Juan de Dios

en el año de 1870



## Índice alfabético e descriptivo



**gua-forte de Bodmer.** — É um appellido illustre o de Bodmer, porque pertence a uma familia suíça e a uma familia allemã, que tem dado homens distinctos e cidadãos prestantes para as artes e para as industrias. O auctor do quadro, agua-forte esplendidamente reproduzida pela gravura em madeira, a que nos referimos, é Karl Bodmer. Nasceu na Suíça no primeiro lustro do presente seculo, mas tornou-se francez. As suas glorias artisticas são da França, que as regateia. Ninguém hoje lh'as pode contestar. Os artistas francezes estão já costumados a consideral-o como patriótico e dão-lhe sempre logar preferente. Os mais bellos trabalhos de Karl Bodmer, apresentados á admiração dos entendidos nas exposições de Paris desde 1836, e dignos dos premios que obtiveram, foram sempre delineados e concluidos expressamente para a sua patria adoptiva. Elle tem obtido quatro ou cinco recompensas n'esses diversos certamens.

A circumstancia de pertencer a duas nações, faz com que possa figurar alternadamente ao abrigo de duas bandeiras. Assim, na ultima exposição universal de Vienna de Austria, onde as bellas artes da França, por causa das desgraças que opprimiam aquelle grande paiz, não tiveram representação condigna, os trabalhos de Karl Bodmer figuraram no pavilhão da Suíça. Elle é ao mesmo tempo animalista e paisagista. As suas aguas-fortes são muito apreciadas. A sua fama é universal. Ninguém o excede, n'este genero, em quanto a nós, porque será difficil encontrar quem nos dê copia mais admiravel de graciosas linhas e nos apresente effeitos mais deslumbrantes de luz. As suas paisagens e os seus animaes tem magia. É por isso que a reprodução para a madeira de um quadro de Bodmer não é cousa de pequena monta. O sr. Pedroso, na gravura que citámos, venceu pois uma das maiores difficuldades que se conhecem na sua utilissima arte.

**Bussaco (Na serra do).** — Não é só celebrado o Bussaco pela opulencia das suas matas e pelo maravilhoso da sua posição, mas tambem por suas gloriosas recordações historicas. Se os viajantes tem razão para exaltar os encantos de Cintra, maior fundamento devem ter, de certo, para gabar a magnificencia d'aquella gigantéa floresta, que offerece aos olhos attonitos dos que a visitam as mais variadas paisagens e os mais surprehendedes quadros, e por isso lhe chamam a Cintra do norte. O convento do Bussaco, que pertenceu á ordem dos carmelitas descalços, data do segundo quartel do seculo xvii, mas ao tempo da sua fundação já existiam as matas, que os mesmos trataram, com o maximo desvelo, de augmentar e engrandecer, abrigando-as de mãos damninhas. Depois da extincção das comunidades religiosas, e decorridos muitos annos, um cavalheiro de alto merito scientifico, funcionario zeloso e devotado aos progressos agricolas, tem curado com equal sollicitude de enriquecer a floresta dando-lhe especies raras, que se vão ali aclimando a aprazimento dos entendidos. Além da magnificencia da mata, o Bussaco tem que vêr pelo mosteiro, pelas ermidas, e pela gruta do negro, como a que parece por sua lenda ter dado o nome áquelle sitio; e, finalmente, pela Cruz Alta, logar de tal modo eminente, que d'elle se avistam terras e povoa-

dos a distancia de 150 kilometros. Foi no Bussaco que se feriu uma batalha famosa, em 1810, pois que d'ahi resultou a derrota do exercito francez e o empanamento dos esplendores que cercavam e até então acompanhavam as legiões do feliz e audacioso imperador Napoleão I.

**Circassiana (A).** — Pela correcção das linhas, pelo fogo do olhar, pela abundancia dos cabellos negros, pela graça e simplicidade dos adornos, pela expressão particular e insinuante da physionomia, temos aqui uma mulher que se assimelha a muitas mulheres de certas regiões da Europa, mas que não é da Europa: é da Asia. E todavia pertence á grande raça indo-europeá, e especialmente á familia caucasica, tão celebrada em toda a parte pela esplendida formosura de suas filhas e pelo valor epico de seus filhos. Quantos dramas, quantas tragedias, quantas epopéas, se hão representado na espantosa cadeia de montanhas do Caucaso e entre as variadas tribus que as povoam em relação ou em guerra com os russos! Mas a *circassiana*, da gravura tem uma posição meditativa: pensa, e em que pensa? Se os olhos são o espelho da alma, na alma d'aquella mulher está de necessidade formado um poema de amor. Será um abysmo?

**Costumes do Porto.** — Só quem tem visitado o Porto e viajado pelo Minho, é que pôde avaliar toda a formosura d'este quadro. Está n'elle compendiado, por mão de mestre, uma bella e ampla scena da vida laboriosa do nosso bom povo do norte, servindo-lhe até de realce um carro de feitto mais arrebicado que o que geralmente vemos no sul do reino, e uma junta de bois de raça especial, pequenos, mas esportos, nédios e valentemente armados. Bem aproveitado e significativo quadro! Como entram em concorrência, no trabalho campesino, na actividade da vida aldeã, a cortarem as estradas, a descerem dos montes e das cumiadas, o homem e a mulher, o velho e a creança! Ali os temos em todos os planos. E, no ultimo, aquellas duas figuras como que assomam com aspecto phantastico recortando-se no horizonte, por entre o arvoredado a que a distancia e a neblina deram já tambem caprichosas formas.

**Chromo-typographia.** — Na industria typographica, ou antes na linguagem technica d'esta arte, a impressão da gravura em madeira chamou-se xylographica; ha muitos annos que o progresso tem ido modificando a tecnologia, por modo que a geração de hoje, se não se entrega a investigações do passado, não sabe como se entendia a geração de hontem. Da-se isto com algumas artes. Da typographia podemos assegurar que o facto é verdadeiro; pois que, pelo que respeita aos formatos, ao numero e desenho dos caracteres, e a certos processos modernamente usados na composição e impressão, ha muita differença entre o que se usou e o que se usa. O emprego do termo xylographia tambem passou de moda. A impressão, quer seja com typos moveis, quer se faça com a madeira gravada, é *typographica* simplesmente, como para não deixar duvida de que saiu da typographia; e se lhe antecederam a palavra *chromo*, quer dizer que a impressão se fez em côres, como no caso da gravura desenhada com bom effeito pelo sr. Manuel de Macedo. Para chegar a este resultado, o gravador teve que gravar tantos pedaços de madeira quantos foram necessarios para combinar as quatro côres, porque o fragmento do desenho que se submete a uma côr não pode servir a outra. No complemento d'este trabalho, que se tem generalizado espantosamente em toda a parte pelos processos aperfeiçoadissimos da lithographia, o quinhão mais importante cabe ao impressor, e por isso o que se dedica á impressão das gravuras tem conquistado uma posição especial e muito mais valiosa para a industria. N'este ponto, digamol-o sem azedume e sem offensa, os nossos impressores estão ainda atrazados, posto se haja conseguido já, em algumas impressas, dirigir a sua educação artistica por modo que se desempenhem condignamente de todas as exigências dos que hoje mandam imprimir livros e periodicos illustrados. Se nos fôra licito, no espaço de que dispomos, mencionar a desvelada applicação de alguns dos nossos impressores e os bons resultados colhidos, seria possivel entrarmos na demonstração cabal de que a typographia, entre nós, tem melhorado consideravelmente e progredido a ponto de não ser raro vêr, nas tres primeiras cidades do reino (Lisboa, Porto e Coimbra), edições que podem competir com as que recebemos de fóra; e relativamente á impressão de folhas periodicas, temos bom logar na Europa. Cingindo-nos, entretanto, á gravura, diremos que se a typographia deve bons serviços aos irmãos Lallemand, a impressão está em grandissima divida para com o sr. Adolpho Lallemand, que, por sua provada habilidade e por seu incessante trabalho e estudo, tem honrado a arte no logar preeminente que lhe pertence por tantas obras delicadas e de gosto saídas de suas destras mãos.

**Fadistas (Os).** — São typos de Lisboa. Encontram-se nas ruas do bairro Alto e nas da Alfama. Parados ás esquinas, formando grupos ao mesmo tempo pittorescos e picarescos; ou dentro das lojas de bebidas ou das tabernas, especiaes n'aquelles bairros para elles, povoando as mesas, fallando, altercando, com gritos estridentes ou risotas alvares. A sua linguagem não é a linguagem commum, correnteia, intelligivel para todos; é cortada, mastigada e muitas vezes figurativa, sem todavia ser poetica. A sua voz, alterada pelo cigarro de mau tabaco e pela aguardente e outras bebidas alcoolicas de infima qualidade, não tem o timbre agradável. é aspera e rouquenha. O genuino fadista de Lisboa tem até córte particular no cabello: duas madeixas, que caem dos lados cobrindo-lhe as orelhas, e sobresaindo-lhe no chapéo ou no barrete, são-lhe indispensavel complemento no figurino de bordel. Toca guitarra; canta o fado, nas occasiões de tristeza e nos momentos de alegria; e usa de navalha de ponta e mola, para se desavenencillar nas circumstancias apertadas; mas o uso d'este instrumento cobarde e indigno, o leva por caminhos mais perigosos que o da vadiagem até as plagas africanas. Emfim... o typo é o que Raphael Bordallo desenhou na gravura. Ali está: um toca e o outro canta. Não os têm visto por essas ruas? São como duas photographias.

**Fonte (Uma) nos arredores do Porto.** — Conhece o leitor os arrabaldes da cidade invicta? Se ha paisagens, que nos encantam, e de certo que todas as paisagens formosas inebriam os que as contemplam e admiram, o Porto leva n'isso vantagem a muitas outras terras portuguezas. Tem a melhor fama os seus arrabaldes e são sem duvida admiraveis ás paisagens que nos apresentam. Ora, se acrescentarmos que existe uma fonte, junto de alguma arvore de tamanho colossal, em volta de cujo tronco se alinharia innumera tropa e á sombra de cujos opulentissimos ramos descansaria um regimento; e que essa fonte está transformada, todo o santo dia, em ponto de rennião de quatro ou seis raparigas, que lavam e enchem os cantaros, que riem e fallam dos seus amores e dos das suas vizinhas, teremos imaginado um quadro que nos impressiona e nos deixa saudades, não amargas, como as entendia Garrett, mas deliciosas. Que franca e sincera alegria derramam no quadro aquellas incautas mocinhas!

**Frontespicio — A gravura em madeira em Portugal.** — Basta esta pagina para testemunhar que não ha especialidade, nem estylo, que o buril dos nossos gravadores não saiba hoje reproduzir. A lithographia, a typographia, a agua-forte, encontram um grande auxiliar e um auzad e feliz competidor na gravura em madeira. Aqui não ha contrafacção futil, nem imitação inepta: ha a similhança, ha a perfeição, ha a cooeração utilissima de uma arte para o desenvolvimento de outras artes e industrias. As florestas, os campos, as aguas, os animaes, os monumentos antigos e modernos, tudo é admiravelmente reproduzido na madeira, sem que possa deixar de louvar-se e encarecer-se a arte, da qual resultaram taes prodigios e o artista que, com todo o poder da sua vontade, da sua perseverança e da sua aptidão, contribue para elles. Um d'esses artistas animosos, um d'esses emprehendedores de alma desafogada e coração cheio de bons sentimentos, é o auctor do *Album*, de cuja breve descripção fomos encarregados: é o sr. João Pedroso Gomes da Silva, que tem o seu nome ligado a uma das melhores publicações litterarias que se fez em Portugal, nos últimos annos, o *Archivo Pittoresco*, por iniciativa ousada e patriótica de dois honrados, modestos e benemeritos cidadãos, e que ha muito pertence ao corpo cathedratico da academia de bellas artes de Lisboa.

Para estudar as origens da gravura seria necessario entrar em longas e minuciosas investigações e escrever uma esmerilhadora dissertação. É geralmente sabido que os povos da mais remota antiguidade conheciam esta, como outras muitas artes, de que não nos chegaram nem as descrições, nem os processos, nem os nomes dos artistas e mestres, porém de que se nos deparam innumerous documentos na historia antiga, e de que não baldadamente encontraremos provas até nos livros da Biblia. As pessoas que visitarem a Persia, a Syria, o Egypto, a Grecia, a Italia, hão de vêr, n'essas e em outras partes do mundo percorridas e habitadas pelos phenícios e outros povos conquistadores, um sem numero de vestigios, nos cyppos, nas columnas, nos pilares, nas inscrições, em monumentos festivos, religiosos e sepulchraes, que nos certificam a existencia da gravura; mas em nenhuma região, nem em livro algum, se achará prova clara da sua origem. A arte foi passando de uns para outros povos; mas em quanto a nós, será difficilissimo dar a primasia determ inadatamente a algum d'elles.

Dos estudos feitos com a maior circumspecção acerca da gravura em madeira, de que especialmente nos occupámos, mas de que só perfunctoria ou summariamente podemos tratar, resulta que é desconhecida a sua introdução na Europa. Quem e como se aprendeu a arte de gravar em madeira? Julgã-m uns que certos povos europeus recorreram aos da Asia, principalmente aos chins, para que lh'a ensinassem; mas outros que, por occasião das cruzadas, entre o decorrer dos seculos XII e XIII, os cavalleiros mais applicados e estudiosos ao regressarem de seus audaciosos emprehendimentos, trouxeram a prenda para a Europa.

Sem nos inclinarmos á opinião dos primeiros, nem dos segundos, por nos faltarem as bases em que assentemos juizo seguro a esse respeito, sabemos que Papillon, membro de uma illustre familia de gravadores do seculo XVII, afirma ter visto specimens de gravuras em madeira do fim do seculo XIII, muitos annos depois das cruzadas, 20 ou 30 antes da invenção das cartas de jogar, e talvez 160 ou 170 antes dos primeiros monumentos da arte typographica. Como quer que seja, a gravura em madeira, depois do maravilhoso invento de Guttemberg, acompanhou a imprensa, mas não se desenvolveu tão rapidamente como ella no decurso dos annos, como prova de que aquella arte, apesar da sua antiguidade, por ser mais difficil não podia apresentar progressos tão accelerados. E o que parece tambem certo é que, por causa d'essa mesma difficuldade, apparecerão algumas gravuras detestaveis nas edições antigas, as vinhetas e estampas separadas do texto, saiam

mais nitidas e melhores quando eram substituidas por gravuras em cobre.

Se podemos conjecturar com probabilidade de acerto que a gravura em madeira foi introduzida em Portugal com os primeiros estrangeiros que trouxeram a imprensa para a peninsula iberica, de que nos dão clara prova os specimens da *Historia de Vespasiano*, no ultimo lustro do seculo XV; tambem não será desassisado pensar, á vista dos monumentos da typographia, que, quando menos aqui, não houve, com relação á arte, gravadores e gravuras em madeira, a não ser os que ainda no alvorecer do seculo XVIII nos deixaram signaes da sua aptidão e do seu adeantamento como no *Lunario Perpetuo* e em outras obras de maior ou menor tomo, porém de igual merito e tão bem *illustradas* como aquella.

A arte da gravura viveu alguns seculos sem modificações sensiveis, até que a Revolução, transformando por uma evolução natural a existencia das sociedades europeas, deu vida nova á imprensa, multiplicou as suas publicações e augmentou-lhes prodigiosamente o valor. Portugal não acompanhou, sem duvida, o movimento civilizador do qual brotavam tão bons fructos lá fóra, porque pelo que respeita á sciencia e á instrucção tem andado sempre atrasado; mas, quando entre nós tiveram inicio os periodicos *illustrados* com a fundação do *Archivo Popular* e do *Panorama*, bom será affirmar-se que elles acompanharam os seus congenes estrangeiros; e que, trazendo para exemplo as publicações da França na mesma epoca, e comparando-as, achámos que, na parte artistica, o atrazo de umas era igual ao das outras.

As pessimas gravuras portuguezas que em 1837 se imprimiram no *Panorama* estavam, relativamente, em condições quasi identicas ás das que se viam poucos annos antes no *Magasin pittoresque*. Devemos todavia, em obsequio á verdade, acrescentar que, ao passo que no estrangeiro, pela diversidade, abundancia e delicadeza dos trabalhos, pela cultura e pericia dos mestres e pelo aperfeicoamento dos processos da impressão, a gravura em madeira tomava notavel desenvolvimento e adquiria justissima importancia; em Portugal, a continuação do *Panorama* e de outros hebdomadarios que vieram com elle ou depois d'elle, não dava, em o nosso humilde entender, um passo real em beneficio da arte, e por duas faltas sensiveis: o desprimor no desenho e a impericia na impressão. Assim foi indo até 1858, em que appareceu o *Archivo Pittoresco*. Então por iniciativa de seus fundadores e á custa da sua bolsa, se estabeleceu na propria imprensa uma officina de gravura para acompanhar com um trabalho regular e methodico os progressos em que elles se empenhavam e as paginas do *Archivo* mostram que esses louvaveis esforços, tanto na parte typographica como na collaboração artistica, não tiveram resultados negativos. Quando se escrever a historia da gravura em Portugal este facto grandioso não deixará de ser mencionado. Data d'ahi, sem contestação o adeantamento e melhoramento das nossas publicações *illustradas*; e d'ahi nasceu (1863) a aula de gravura na academia de bellas artes, sendo nomeado para ella o sr. João Pedroso, que fora o primeiro mestre na officina do *Archivo*; que é sem duvida o nosso primeiro gravador em madeira; e que, como testemunha presencial, durante onze annos consecutivos, asseverámos tomara parte activa nos esforços por então registados com o devido encarecimento na imprensa periodica. Um dos seus companheiros, n'aquella officina, foi o fallecido desenhador Nogueira da Silva, que era geralmente estimado. O sr. Pedroso teve ali a satisfação de contar, entre os seus discipulos, Barbosa Lima e Vidal, tambem hoje fallecidos; Coelho Junior, Leotte e Caetano Alberto, os quaes vemos ao presente executar trabalhos variados, de importancia e dignos de menção.

**Joaquim Lopes.** — O patrão Joaquim Lopes é hoje um ancião de 75 annos. As rugas profundas da fronte, os alvos cabellos que lhe dão nobreza ao semblante, a tez requemada que indica a asperza da vida do mar, o olhar franco e insinuante dos homens leaes, a voz agradável e o porte singelo e despretençioso, dizem que não está alli um typo vulgar, nem uma alma commum. Aquellas fitas e aquellas medalhas não são o indicio vão e ridiculo das vaidades humanas; nem o premio de actos de heroismo praticados nas lutas estereis e odientas, que se chamam guerras. O homem é um character extraordinario; as veneras são o symbolo indestructivel dos mais altos feitos humanitarios. Joaquim Lopes é um poema. A sua vida povoada das mais fulgurantes accões, tem a intensissima luz que forma a aureóla dos benemeritos e lhes determina e synthetisa a apothéose. Nos gigantes feitos da humanidade elle tem inscrições magestosas e perduraveis. Desde que sulcou, por primeira vez, o oceano, em um barquinho de pesca, Joaquim Lopes sentiu-se grande no rugir das vagas, conheceu a necessidade de as dominar e dominou-as. Podiam ellas erguer-se espumantes, alterosas, ameaçadoras, com todo o horrendo aspecto dos barathros insondaveis, Joaquim Lopes passaria incolume; com a maxima confiança em Deus e em si, com o riso escarneador dos que tem certo o triumpho, affrontaria o perigo e as ondas haviam de obedecer-lhe -- recuarium ante o seu atrevimento. E não se enganava. Elle tem restituído paes aos filhos, filhos aos paes, maridos ás esposas; entregado emfim muitos chefes de familias ao seio de suas casas, arrancando-os á voragem do Oceano. Nomeado, com o assentimento e o applauso unanime dos seus companheiros de trabalhos e perigos, patrão da falna do Bugio, de que era remador havia treze annos, e depois mestre do salva-vidas, de Paço-de-Arcos, Joaquim Lopes, desde 1830, tem visto a morte deante de si dezenas de vezes, mas nunca deixou de sair victorioso da tremenda lucta, nem deixou de dar a vida aquelles aos quaes se propunha salvar do abysmo. O velho patrão Joaquim Lopes conta, ainda hoje com justificado desvanecimento e admiravel simplicidade, essas accões em que sobresaia como a figura principal e verdadeiramente providencial. As primeiras medalhas, que lhe ornaram o peito, recebeu-as de fóra; uma das ultimas foi lhe concedida pelo governo portuguez, como prova indiscutivel de que em Portugal as recompensas são tardias, porque ha difficuldade em reconhecer e confessar que tambem, n'este solo, ha homens uteis e de merito. Joaquim Lopes está já reformado; gosa das honras de official de marinha; e declinou no filho a gloria de substituil-o no commando do salva-vidas e na segurança dos afflictos e dos naufragos, na barra de Lisboa. O

sr. João Pedroso, como homem que tem estudado longos annos o mar e os navios, e como artista entusiasta do bom e do grandioso, parece que deixou correr o lapis e o buril com a pericia do mestre e a vontade do amigo, para dar o necessario relevo a todas as linhas do rosto sympathico do venerando ancião.

**Lapa dos Esteios (Coimbra).** — Recommenda-se a cidade heroica, a Lusa-Athenas, a patria de tantos varões illustres nas letras e nas sciencias, por muitos monumentos historicos e por grande numero de logares memoraveis. Um d'esses logares é a *Lapa dos Esteios*, cantada em prosa e verso, mil vezes citada por suas recordações perennes: nas folhas periodicas, nos livros dos nossos melhores vates, nas narrativas de viajantes e nas paginas intimas. Não vèdes a estampa? Ha nada mais suave, mais poetico, e mais delicioso que aquelle quadro? Como o Mondego se desliza por entre os freixos e salgueiros, banhando as suas encantadoras margens; e como aquellas figuras, inebriando-se com os murmúrios do rio e o esplendor das paisagens que d'alli se gosam, destacam graciosamente no plano! É imperdoavel ir a Coimbra e não visitar a *Lapa dos Esteios*. Perguntae-o a Castilho, a Rodrigues Cordeiro, a Serpa, a João de Lemos, a Thomaz Ribeiro, e a outros poetas; e consultae todos esses mancebos, milhares d'elles, que tem ennobrecido os bancos da universidade. Quantas vezes procuraram elles, sulcando as limpidas aguas do Mondego e serpenteando em appropriado barquinho as doirejantes ribas e insuas, descansar de laboriosos estudos á fresca sombra d'aquelle amenissimo sitio!

**Mendigo.** — O mendigo das ruas é falso ou verdadeiro. O falso é membro de uma grande familia, mas de uma familia nomada. Não tem patria, nem lar. Todas as terras lhe convem, todos os albergues lhe são necessarios, em todos os cantos da terra encontra pessoas com as quaes se entende, porém das quaes se liga ou desliga conforme os interesses da sua industria. É por isso o mesmo em toda a parte. Supplica e estende a mão de igual modo, allega identicas razões, são da mesma natureza os seus queixumes. A caridade publica já tem sido illudida pelas fraudes da mendicidade. Os farrapos tem por vezes occultado a avarésia, a gatunagem e a preguica; e as ulceras simuladas escondido a podridão moral. Todavia, infelizmente, o mendigo falso confunde-se com o verdadeiro, nas ruas e nas praças. O que se representa na gravura é falso ou verdadeiro? Está sentado e medita. Tem na mão direita o bordão das peregrinações; e aos pés o cabaz das esmolas. Procurou aquelle pardiello e aquelle poial para descansar. Afastou-se do povoado para se orientar: seguirá a linha do norte ou a da sul? Fitando o céo, parece implorar-lhe a protecção. Pois se a sua indigencia é real, e se os rasgões das suas vestes são um signal da verdadeira miséria, quando o virmos assim não lhe fechemos a bolsa. Os que soccorrem a pobreza bem merecem de Deus.

**Metrass (A memoria de).** — Homenagem artistica e commovente foi a que o sr. Victor Bastos rendeu á memoria de Metrass. Devem proceder assim os artistas distinctos como o nosso afamado estatuário. E com verdade, o seu apreciavel medallhão reuniu os trabalhos que levantavam a fama do pintor estimado e que constituíam os titulos da sua maior gloria. Em volta da effigie de Metrass vemos a reprodução de *Camões na gruta de Macavi, do Só Deust!*, da *Leitura* e de um simples e elegantissimo esboço *Leda*, e é isto como entretecer quatro coróas para o mallogrado e inspirado artista, que tão moço teve que largar os pinceis, curvar o collo resignado á pertinaz enfermidade, despedir-se para sempre dos amigos, e deixar uma lacuna sensível entre os seus companheiros da academia de bellas artes de Lisboa. A arte em Portugal perdéra um dos seus mais esmerados cultores. Levantava a sepultura o acrisolado amor á arte? arrastal-o-hiam ao abysmo os seus estudos e esforços para sobressair gentilmente entre os demais cultores? Metrass tinha uma intelligencia fina e uma compleição delicada; matavam-n'o a arte e o sentimento. A homenagem do sr. Victor Bastos, copiada n'esta bella gravura, diz-nos sobejamente que elle tinha bastante valor. Este tributo só se paga aos grandes artistas.

**Ovarinas.** — São robustas e ageis para todos os trabalhos. Não se occupam só em vender o peixe, que compram na Ribeira Nova; saem da sua terra, como em tribus, e empregam-se nas obras publicas e particulares. Temol-as encontrado nas estradas, ao lado dos homens, e fazendo tão bom serviço como elles. Em Lisboa, vendem o *Diario de Noticias* e as outras folhas de igual indole que tem apparecido depois. Foram as ovarinas que com os seus enxames de filhos e irmãos estabeleceram, por diligencia da empresa do *Diario de Noticias*, a venda avulso nas ruas dos milhares de folhas volantes, que tem desenvolvido por modo notavel o gosto pela leitura entre as classes populares. A sua actividade foi poderosa em auxiliar este meio de civilisação. As ovarinas empregam-se tambem na carga e descarga das fragatas, e em algumas fabricas. Nas horas de ocio, dentro das lojas e casas do sitio da Esperança, que ellas povoam, desfilam a estopa alcatroada para os calafates e fiam linho para o uso domestico. Passam vida laboriosa e poucas vezes divertida. Não lhes chega o tempo para amar. Os seus amores devem ser curtos e de despecho rapido. As grandes occasiões para as suas alegrias são as dos seus noivados, em que toma parte a colonia que veio de Ovar e de outras terras do districto de Aveiro. Mas ha dois dias no anno de regosio verdadeiro para estas familias. O primeiro é a vespera de S. João, tão popular santo que tem o condão de desatar, em jubilos, dansas e descantes, todas as terras do reino; o segundo é a festa do Senhor Jesus da Serra, em Bellas, á qual ellas concorrem em ranchos, cantando e bailando pela estrada até lá. Notaremos, contudo, uma cousa para justificar a estampa. As mulheres de Ovar gosam da fama de serem as mais formosas de Portugal. Já ali vimos, com effeito, alguns typos que podiam entrar sem desfavor e em confronto com as mulheres do Caucaso; porém estamos persuadido de que o excesso e a rudeza dos trabalhos, e a incons-

tancia das emigrações, lhes alteram os semblantes, e que a maior parte das ovarinas de Lisboa não são verdadeiramente as ovarinas de Ovar.

**Pedro V (D.).** — Conhecía a importancia do cargo que desempenhava e não o occultava. Dizia que era difficil o officio de reinar, porque avaliava bem os espinhos do supremo poder. Amava a liberdade, não como homem que cinge a coróa, mas como homem que deseja ser, pela practica das virtudes civicas, o primeiro cidadão na sua patria. Preferia, ao bulicio da sua còrte, o remanso do seu gabinete de estudo. Queria antes o conforto dos livros que a importunidade dos aulicos. Julgava de maior importancia a medalha humanitaria, significante de um acto meritorio; que a venera da ordem militar, que hoje não serve só para recompensar os feitos cavalleirosos, nem as provas de bravura. Comprehendia o mundo e gostava de ser util ao povo. Era philosopho. Tinha coração. Pensava, o que nem sempre fizeram os nossos reis. Estas qualidades e prendas eram tão geralmente reconhecidas, que por isso foi o *esperançoso* e o *bem amado* para todos, e a noticia da sua morte prematura causou amarguissima sensação no reino inteiro. O moço-rei D. Pedro V deixou o seu nome ligado a dois institutos scientificos, um que engrandeceu e o outro que fundou; e a sua memoria saudosa está perpetuada, em Portugal e no Brazil, em escolas e estabelecimentos de piedade e beneficencia. O busto da gravura foi copiado de uma escultura do sr. Calmels. Os que conheceram o rei D. Pedro V e apreciam os altos dotes artisticos do esculptor nomeado, vêem para logo que o trabalho é notavel porque a similhança é irreprehensivel. Aquellas linhas, que tornavam agradável e affectuosa a physiognomia do mallogrado monarcha, estão fiel e habilmente reproduzidas no marmore, que se amolda sem difficuldade ás exigencias da arte e á pericia do sr. Calmels.

**Porta de um edificio antigo.** — Abrindo as paginas da historia de Portugal, não faltam n'ellas casos estupendos e tragicos. Um dos que verdadeiramente horrifica é o d'aquelle monstruoso ardil que levou a vileza de D. Leonor Telles, mulher do rei D. Fernando, a celebre amante do conde Andreiro, a armar de punhal o braco de seu cunhado o infante D. João contra a innocente esposa, D. Maria Telles, a propria irmã da intrigante! Este lastimavel e horroroso caso, tanto mais execravel quanto manchava para sempre a vida de pessoas collocadas tão altas na escala social, occorreu em Coimbra pelos annos 1377 e por muito tempo se julgou que o logar do crime fôra a casa da rua de Sub-ripas (*sobre-a-riba*), cuja elegantissima porta se vê na gravura. Hoje está mais que provado que não foi. Quando não houvesse outras razões, que adduzir, bastava comparar a data da construcção da casa, entre 1540 e 1547, com a do assassinio, para vêr-se que não era possivel dar-se na que só se edificava cento e setenta annos depois. A porta da casa, de que se trata (comprada em 1514 pelo licenciado João Vaz), é de architectura manuelina, graciososa como todas d'aquella época e lavrada com o realce que se encontra nas obras de igual estylo. A casa, a que pertence a porta, tem fôrma apalaçada, e construíram-na sobre um dos lanços da muralha, quando a camara foi concedendo aos particulares o terreno onde se assentavam as obras de fortificação que em épocas remotas defendiam Coimbra.

**Querena (Uma) no Tejo.** — O navio vira-se, descobre a quilha e prepara-se para limpeza e concerto. É operação perigosa, mas facil para os marinheiros e calafates portuguezes, que estão costumados a ella, e que é commum vêr-se em os nossos portos. Aos estrangeiros, que têm os seus fundeadouros com docas de abrigo e de concertos, não se lhes figurava natural que se pudessem virar uma embarcação no rio. Conta-se que os inglezes, quando ouviram fallar de querenas se admiraram, e — como o santo de quem se diz que não podia crer sem vêr, — vieram ao Tejo para acreditarem e para louvarem a pericia dos nossos maritimicos, que ainda são hoje dignos descendentes d'aquelles ousados varões que sulcaram os mares desconhecidos para darem ao mundo velho e ao mundo novo riquezas e luzes. Com a construcção de docas, comtudo, em Lisboa, nas duas margens do Tejo, as querenas estão hoje, para assim dizel-o, no ultimo periodo.

**Rio Algés.** — Saíamos de Lisboa e sigámos caminho direito, sem parar, até Paço d'Arcos. Que esplendida estrada! De um lado o Tejo, com a opulencia das aguas e das innumeradas embarcações que as sulcam; do outro lado, a casaria variada, as eminencias amplas e o arvoredo matizado, mil paisagens que distrahem e enlevam: todas as magnificencias e todos os encantos dos arrabaldes da capital do reino, realçados pelos deslumbramentos do rio, sem rival na Europa. Entre Pedrouços e Paço d'Arcos fica Algés. O sitio é pouco povoado, mas exuberantemente pittoresco. O rio, que no inverno toma bastante volume e tem corrente impetuosa, vem de um outeiro que defronta com Monsanto; e, como recebe contingente na agua de um regato, paga com prodigalidade o seu tributo ao mar. O quadro do sr. Isaias Newton não nos deixa em duvida, nem em falsidade, acerca da belleza do sitio.

**Rio Mondego.** — Dentro de Portugal, este rio é um de maior curso. Vem da serra da Estrella; mas partindo de Coimbra até desaguar na Figueira da Foz, percorre uma distancia superior a 40 kilometros. É tranquillo e limpo no verão, chegando até, em muitas partes, a mostrar o seu leito de doiradas areias; caudaloso e impetuoso no inverno, ao ponto de causar com espantosas inundações gravissimos danos nos campos e nas propriedades. As suas margens offerecem notavel variedade de panoramas e a mais pomposa vegetação. Nenhum outro do reino lhe disputa a palma. Em presença do Rheno exige a primasia e é preciso dar-l'ha, na opinião dos que se acham habilitados a julgar a competencia. Os seus choupos, alamos e salgueiros, não tem rivaes, na graça com que se debruçam sobre as aguas e no favor com que abrigam á sua sombra

o viajante absorto na contemplação das maravilhas da natureza. Ainda que queiramos fugir ás citações, fallando do Mondego é impossível deixar de rememorarmos os bellos versos de Castro na sua rica *Ulysséa*:

Corre por entre os bosques divertido  
Em curso tão sereno e sosegado  
Que nas voltas se mostra arrependido  
De levar agua doce ao mar salgado.

**Sendeiro (O)** — Quando vemos um quadro, como o que nos apresenta com tanta verdade, o distincto pintor e professor Christino, lembra-nos logo applicar-lhe o soneto do nosso afamado Tolentino:

Vae, misero cavallo lazarento,  
Pastar longas campinas livremente;  
Não percas tempo, em quanto t'ó consente  
De magros cães faminto ajuntamento.

e desfechar-lhe :

Morre em paz . . .

Estava pedindo isto; mas o sendeiro da estampa, com arreios e albardão, e atraz de um burro tambem arreado e com carga em ceirões, ainda não merece o epitaphio do soneto alludido. Este sendeiro não se póde assim lançar á margem e pôr ao fresco em campos livres, como para que não lhe seja estranho desde já o local destinado á sepultura do seu cadaver. Não, senhores: este é util. Ha de ainda servir por muitos annos e prestar bons serviços aos donos, que conversam, lá no fundo, a respeito d'elle, e não desejam vê-lo desaparecer tão cedo de entre os vivos. Se este é unicamente o seu desejo, e se o desejo é sincero e desinteressado, que o sendeiro se conserve em pé. Fazemos eguaes votos, porque o da estampa é um bom sendeiro.

**Serão (O)** — É um desenho do sr. Lupi, professor de pintura da real academia de bellas artes. Nada mais simples, e nada mais natural. Parece uma agua-forte e não é. São dois traços de penna, delicados, sem pretensões, mas graciosos. Não é bem o fructo de um serão, como o titulo indica; é apenas um momento de um serão. Tão prodigiosa é a facilidade com que o sr. Lupi desenha, que este exímio professor é geralmente considerado, a par de habil pintor, como um dos nossos primeiros desenhadores. Ha muitos testemunhos em a numerosa serie de seus apreciaveis quadros, que revelam um espirito culto e um grande coração de artista.

**Torre de Belem** — Tem o nome de torre de S. Vicente e o vulgo é que lhe deu a denominação de *Torre de Belem*, que conserva. É uma construcção do ultimo quartel do seculo xv, e parece que foi capricho de um desenhador ou architecto d'aquelles tempos, protegido do rei. Chamamos-lhes «capricho», porque não vemos justificada a necessidade de levantar, para defenza de Lisboa, por então ameaçada de piratas e outros inimigos do reino, uma torre tão cheia de primores architectonicos, que se nos deparam agora muito bem reproduzidos na gravura. A fundação da torre de Belem é anterior á do convento dos Jeronymos, pois que tendo começo no reinado de D. João II veio a concluir-se nos primeiros annos do de D. Manuel. Todavia, aquelle padrão é digno do grande monumento manuelino e figuram um ao par do outro gloriosamente na historia de Portugal.

**Torre do Bugio** — Tem a invocação de S. Lourenço a torre do Bugio e a sua fundação data do fim do ultimo quartel do seculo xvi. Levantaram-na os governadores do reino na occasião em que o moço rei D. Sebastião, deslumbrado com os sonhos da gloria, se aventurava nas terras de Africa para perder a corôa e o reino; e foi continuada por esforços do cardeal-rei e do rei intruso Philippe, o primeiro que se apôsou de Portugal. A torre do Bugio assenta em um ilhote ou cabeço, ao entrar a barra de Lisboa, pela parte do sul, e como está fronteira á torre de S. Julião, poderá cruzar, quando fór necessario, o fogo da sua artilheria com a do outro lado. Em outros tempos constituiu, com a fortaleza que se erguia onde ao presente vemos o lazareto, um dos melhores pontos da defenza maritima do porto. A torre do Bugio está como uns tres kilometros afastada da margem do norte onde se ergue a de S. Julião. Ha ali um excellente pharol de rotação, que indica a entrada do porto e os seus perigos a algumas milhas de distancia.

**Torre de S. Julião** — O que dissemos ácerca da torre do Bugio, em

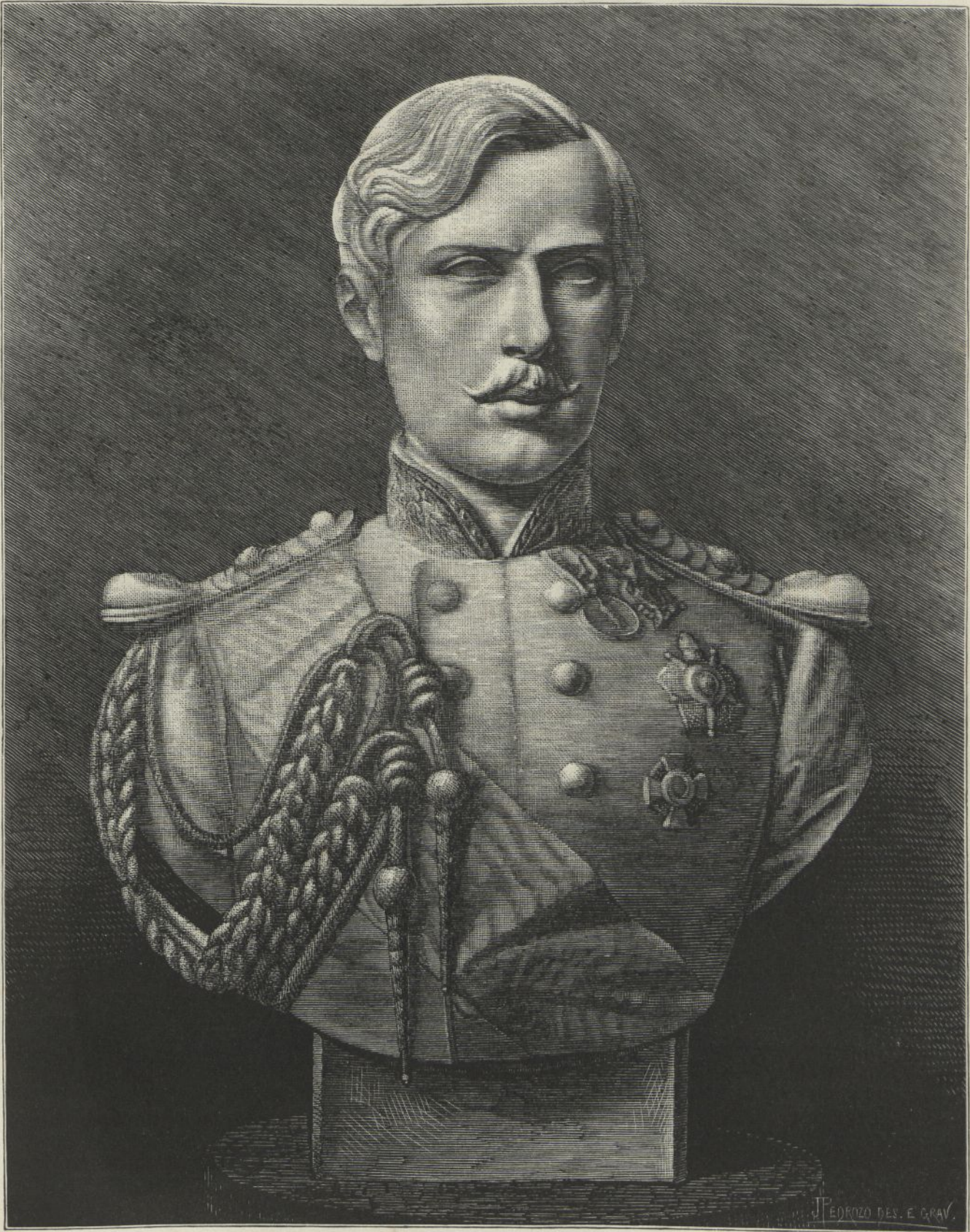
quanto á época da sua construcção e da necessidade de fundal-a para a defenza do porto de Lisboa, tem relação com a torre de S. Gião, como primeiro se lhe chamou, ou de S. Julião, como é hoje conhecida. O governo do primeiro Philippe de Castella, que teve o cuidado de concentrar esforços para completar e augmentar as fortificações da barra, tambem não se esqueceu de apropriar-se da torre de S. Julião para a transformar em prisão de estado, e começa ali, infelizmente para a historia portugueza, a sua tristissima celebridade. Philippe mandou para a torre os membros da nobreza e do clero, que se oppunham aos seus desgnios e ameaçavam pela independencia da patria, e receberam alguns d'elles morte affrontosa; o marquez de Pombal tambem se aproveitou dos carceres da torre, para encerrar e aferrolhar os padres jesuitas accusados de auxiliarem a conspiração contra o rei D. José; e, por ultimo, o governo absoluto de D. Miguel, dando o mando a Telles Jordão, lançou n'essas masmorras os cidadãos, militares e paisanos de todas as cathogorias e classes, que contrariavam os tenebrosos planos de um despotismo feroz e conspiravam para totalmente os destruir. A torre de S. Julião serve ha annos de deposito disciplinar do exercito.

**Varino.** — É numerosa e variada a navegação do Tejo. Na phrase elegante de um dos nossos mais primorosos escriptores, este rio tem a sua marinha especial, tão espantosa quantidade de barcos o sulcam e cruzam, tão diversa é a armação, a fórma e a lotação d'elles, e tão extensa por isso a sua nomenclatura. Entre as embarcações, pois, que pertencem ao Tejo, contam-se os moinhos, as rascas, as faluas, as moletas, os aveiros, as fragatas, os hiates, os varinos, as guigas, os vapores, os hotes, os catraios, os escaleres, as canôas, etc. Muitos d'estes barcos, todavia, não se limitam á navegação fluvial e aventuram-se, barra em fóra, como a rasca que vae carregar de figo nos portos do Algarve, e a moleta, que empregando-se na pescaria, tambem arma em hiate para desempenhar alguma commissão do commercio. Outros destinam-se tão sómente á navegação fluvial, que se chama do Ribatejo. A maior parte das embarcações indicadas procede dos estaleiros do Barreiro e Seixal, cujos moradores tambem formam, commummente, as suas companhias, como os habitantes da Trafaria dão o maximo contingente para os serviços da pesca. Os barcos de mais elevada lotação e mais numerosos tripulantes vem, comtudo, dos estaleiros de Espozende, da Figueira, do Porto e de outras terras da beiramar do norte do reino. A armação, em geral, quer seja de dois mastros, quer seja de um, como a do varino da gravura, é com velas latinas.

**Vasco da Gama.** — O seu nome está ligado á época florescente e aurea da historia de Portugal. Tendo por guia as patrioticas aspirações e os audaciosos esforços do infante D. Henrique, dobrou cinco vezes o cabo da Boa Esperança para dar ao reino ainda maior importancia do que a que lhe tinham adquirido as tentativas e os descobrimentos anteriores. Apesar das desconsiderações que padeceu e das invejas que o seguiram, serviu por vinte e sete annos a sua patria augmentando-lhe a fama e o lustre, e afinal morreu na India e no governo d'ella que se lhe dera como tardia recompensa, porque os titulos de dom e de conde da Vidigueira, e a alta graduação de almirante do mar da India, não podiam de fórma alguma compensal-o de sacrificios já feitos e de serviços já prestados. O distincto esculptor, o sr. Victor Bastos, deu a este giganteo vulto a magestade que devia ter; e, pondo-lhe ao lado o globo terrestre e o mappa da India, para o qual Vasco da Gama aponta, não quiz deixar de indicar ali o maior e o mais luminoso brazão da sua gloria de navegador e descobridor. A estatua encomendada e executada para o arco triumphal da rua Augusta foi modelada com relevo e tem sbejos primores de cinzel. Não é das obras que menos honram o artista, já notavelmente apreciado por outros trabalhos tambem de valor.

**Vigia (De)** — São as aves como os outros animaes: sabem conservar-se para si, para os filhos e para os companheiros. Não ha rumor que deixem de conhecer, nem perigo que não saibam evitar. Surprehendem-nas muitas vezes os caçadores, nos seus folguedos e exercicios venatorios, porque o chumbo ou as balas lhes cortaram os vãos e assim inutilisaram os seus esforços; mas não porque lhes faltasse a vigilancia que as acompanha. A perdiz, que a estampa accusa, e que é o encanto dos farejadores da boa caça e o jubilo dos amigos da appetitosa cosinha, é o que se sabe. Não perde um momento nos cuidados de que se cerca. Occultando-se no matto, entre as ramagens, os seus olhos vivos e perspicazes alcançam muito longe. Vêm o homem e adivinham o caçador. Se a occasião é perigosa, o seu vô é rapido e alto. Corta o espaço como a flecha, mas, apesar d'isso, lá lhe chega a bala certa de mão experimentada.

BRITO ARANHA.



D. PEDRO V.

DES. DE J. PEDROZO, D'UMA ESCULT. DE A. CALMELS.





NA SERRA DO BUSSACO.

DESENHO DE M. MACEDO.



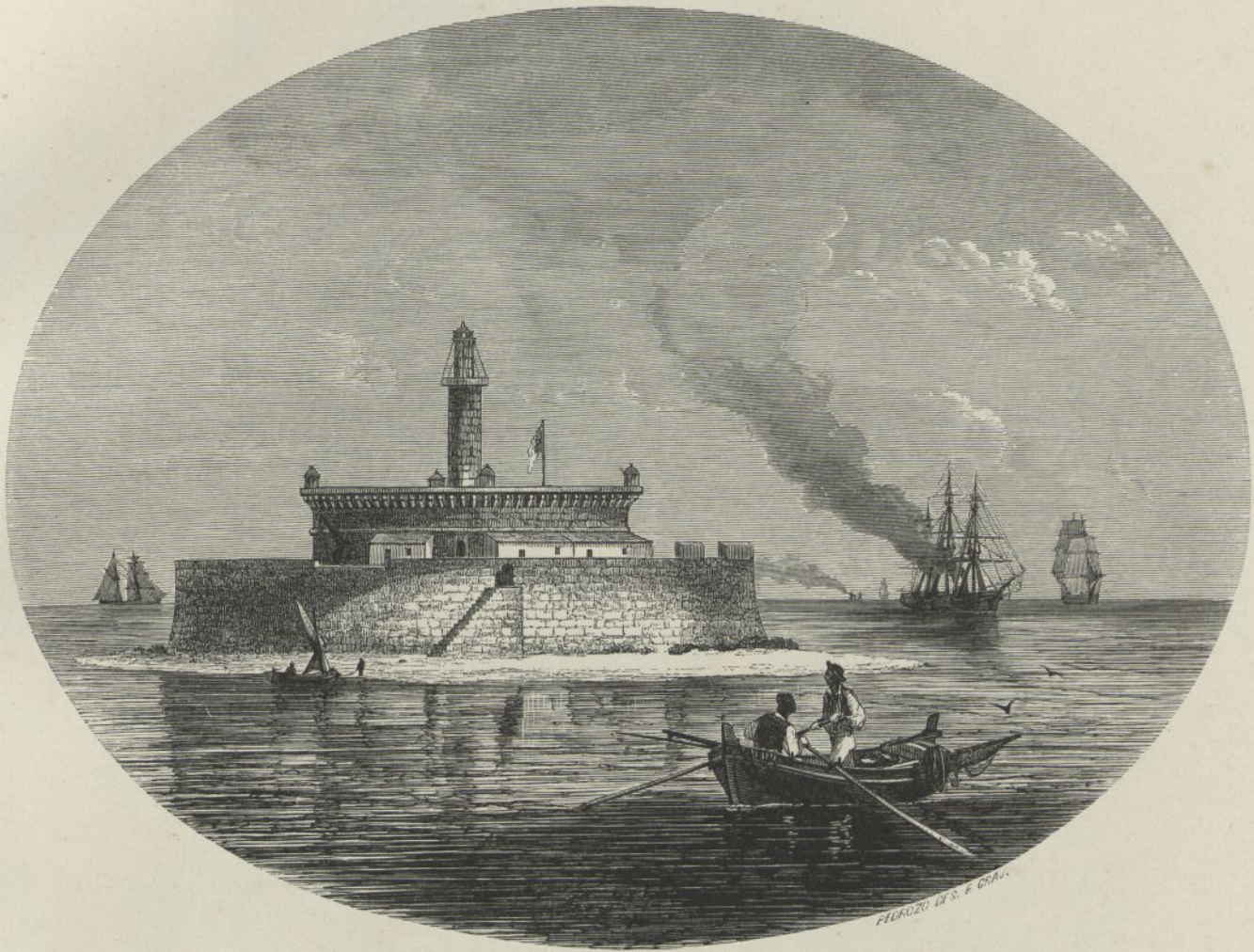




COSTUMES DO PORTO.

QUADRO E DES. DE M. MACEDO.





TORRE DO BUGIO NA BARRA DE LISBOA.  
DESENHO DE J. PEDROZO.





A CIRCASSIANA.

DESENHO DE J. PEDROZO, D'UM ORIGINAL ALLEMÃO.





LAPA DOS ESTEIOS, COIMBRA.  
PINT. E DES. DE J CHRISTINO.







TORRE DE BELEM.  
DESENHO DE J. PEDROZO.





TYPOS DE LISBOA.—OS FADISTAS.

DESENHO DE R. BORDALLO PINHEIRO.





O PATRÃO JOAQUIM LOPES.

DESENHO DE J. PEDROZO.





RIO MONDEGO.  
DESENHO DE M. MACEDO.







UMA QUERENA NO TEJO.

DESENHO DE J. PEDROZO.





À MEMORIA DO PINTOR PORTUGUEZ F. A. METRASS.

DESENHO DE V. BASTOS.

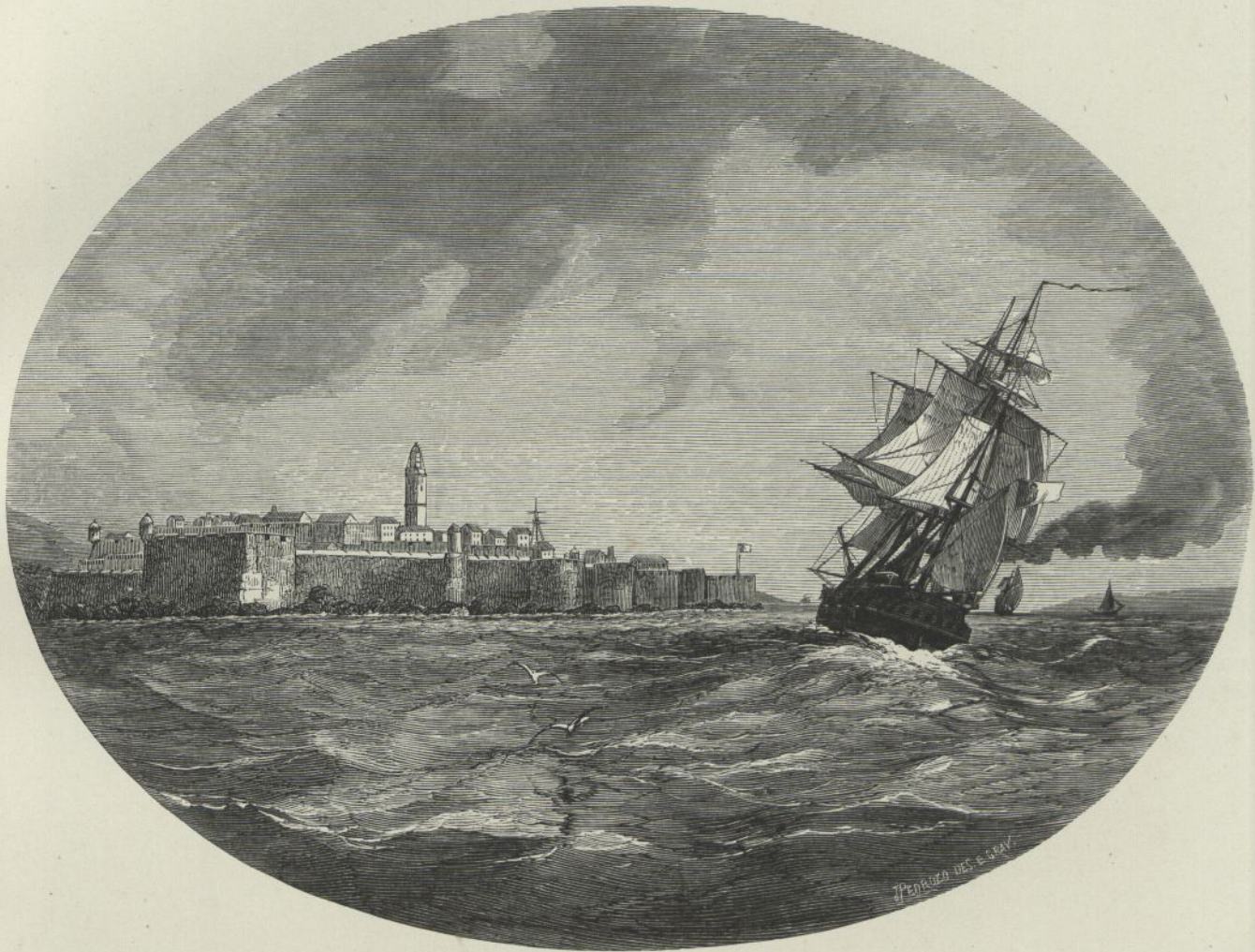




RIO ALGÉS.

DESENHO DE I. NEUTON.





TORRE DE S. JULIÃO, NA BARRA DE LISBOA.  
DESENHO DE J PEDROZO.







O SENDEIRO.

PINTURA E DES DE J. CHRISTINO.





OVARINAS.

DESENHO DE M. MACEDO.





AGUA-FORTE DE K. BODMER.

IMITAÇÃO EM MADEIRA. POR J. PEDROZO.





VARINO—BARCO DO TEJO.

DESENHO DE J. PEDROZO.







VASCO DA GAMA.

ESCULT. E DES. DE V. BASTOS.

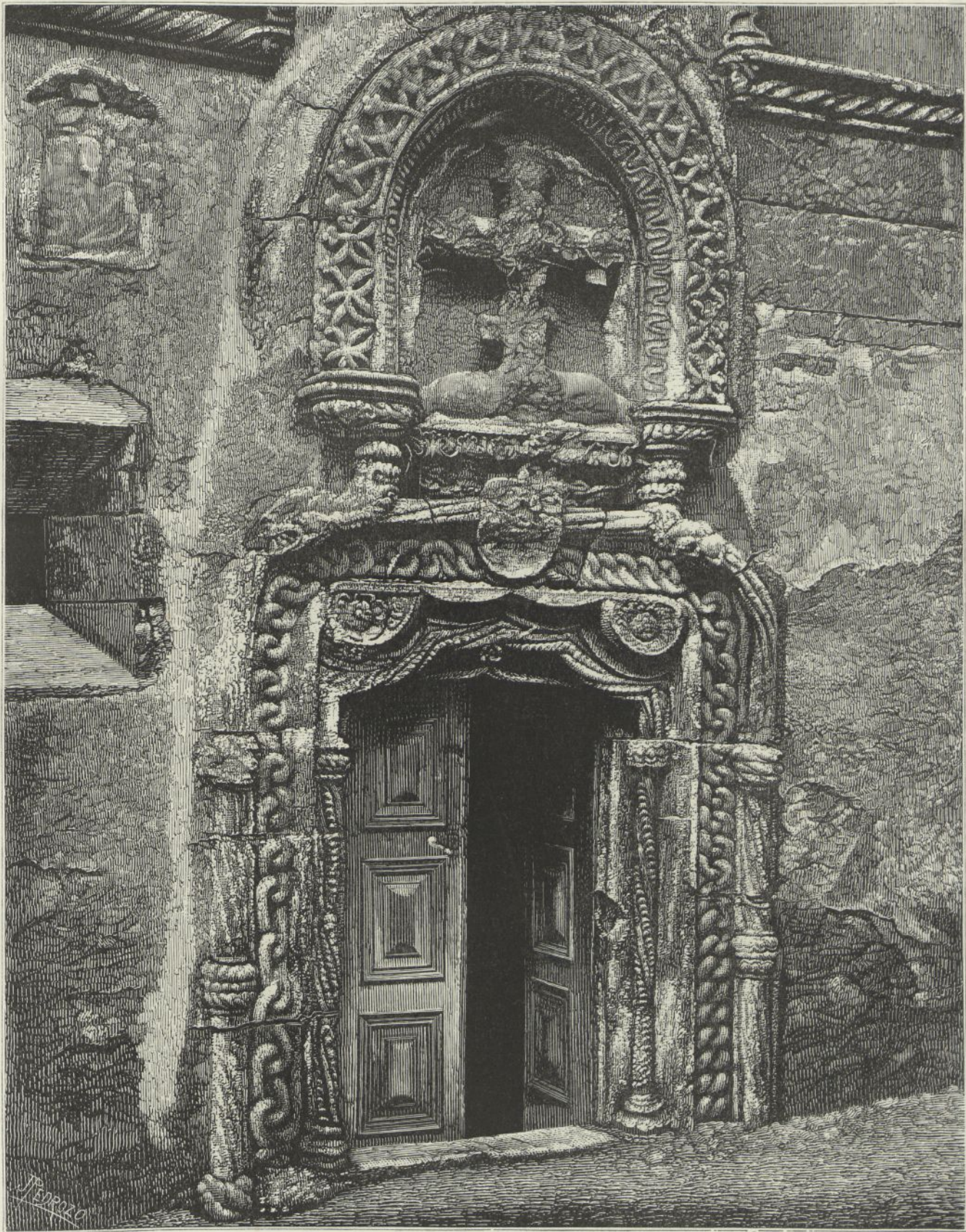




DE VIGIA.

DESENHO DE J. PEDROZO.





PORTA D'UM EDIFICIO ANTIGO—EM COIMBRA.

PHOT. DE F. ROCCHINI.





MENDIGO.

DESENHO DE M. MACEDO.







UMA FONTE NOS ARREDORES DO PORTO.

DESENHO DE M. MACEDO.





O SERÃO

ESBOÇO DE M. A. LUPI.





1874. IMPRESSO POR LAILEMANT FRÈRES. LISBOA

CHROMO-TYPOGRAPHICA

POR J. PEDROZO



## INDICE ORDINAL

- |   |   |
|---|---|
| 1 Frontespicio.                                 | 14 Rio Algés.                               |
| 2 D. Pedro V.                                   | 15 Torre de S. Julião.                      |
| 3 Na serra do Bussaco.                          | 16 O sendeiro.                              |
| 4 Costumes do Porto.                            | 17 Ovarinas.                                |
| 5 Torre do Bugio.                               | 18 Agua-forte de K. Bodmer.                 |
| 6 A circassiana.                                | 19 Varino, barco do Tejo.                   |
| 7 Lapa dos Esteios.                             | 20 Vasco da Gama.                           |
| 8 Torre de Belem.                               | 21 De vigia.                                |
| 9 Typos de Lisboa — Os fadistas.                | 22 Porta de um edificio antigo, em Coimbra. |
| 10 O patrão Joaquim Lopes.                      | 23 Mendigo.                                 |
| 11 Rio Mondego.                                 | 24 Fonte nos arredores do Porto.            |
| 12 Querena no Tejo.                             | 25 O serão.                                 |
| 13 Á memoria do pintor portuguez F. A. Metrass. | 26 Chromo-typographia.                      |

INDICE ORIGINAL

- 1 Frontispicio
- 2 D. Pedro V.
- 3 Na terra do Brasil
- 4 Costuras do Porto
- 5 Torre do Relógio
- 6 A catedral
- 7 Lapa dos Leões
- 8 Torre de Belém
- 9 Tipos de Lisboa
- 10 O palácio nacional
- 11 Rio Mondego
- 12 Quercus no Tejo
- 13 A memoria do pintor português









